ENTRE RECONHECIMENTO E PERTENCIMENTO: A INFLUÊNCIA DAS RELAÇÕES FAMILIARES NA VIVÊNCIA IDENTITÁRIA DE MULHERES TRANSGÊNERO

BETWEEN RECOGNITION AND BELONGING: THE INFLUENCE OF FAMILY RELATIONSHIPS ON TRANSGENDER WOMEN'S EXPERIENCES OF GENDER IDENTITY

Rita Helena Teixeira Garcia, Silvia Cristina de Vargas Ollé
Urcamp, Bagé

Resumo: As relações familiares desempenham um papel importante nas experiências afetivas e sociais dos indivíduos, especialmente quando envolvem processos de reconhecimento, aceitação e pertencimento. Para mulheres transgênero, essas relações podem representar espaços de acolhimento e segurança emocional, mas também podem passer por situações de rejeição, silenciamento e invalidação identitária. O presente estudo teve como objetivo analisar, a partir da literatura científica, as relações entre apoio familiar, reconhecimento identitário e repercussões psicológicas nas vivências de mulheres transgênero. Trata-se de uma revisão de literatura, de abordagem qualitativa e caráter descritivo-interpretativo, desenvolvida por meio de levantamento bibliográfico nas bases SciELO, PePSIC e Google Acadêmico. A análise das produções considerou as discussões sobre corpo, gênero, reconhecimento social, vínculos familiares e redes de apoio. Os resultados indicaram que o acolhimento familiar pode contribuir para o fortalecimento da autoestima, da segurança emocional e do sentimento de pertencimento, enquanto experiências de rejeição e desrespeito podem estar associadas ao sofrimento psicológico e às dificuldades nas relações interpessoais. Identificou-se, ainda, que as redes de apoio afetivas e comunitárias constituem recursos importantes diante das situações de discriminação e exclusão social. Concluiu-se que, embora a família não determine a identidade de gênero, suas relações influenciam as condições emocionais e sociais em que essa identidade é vivenciada e reconhecida. Destaca-se, assim, a importância de relações familiares e práticas psicológicas fundamentadas no acolhimento, no respeito e no reconhecimento da singularidade de cada trajetória.

Palavras-chave: Mulheres transgênero; Apoio familiar; Identidade de gênero.

Abstract: Family relationships play an important role in individuals' emotional and social experiences, particularly in processes involving recognition, acceptance, and belonging. For transgender women, these relationships may provide emotional support and security, but they may also involve rejection, silencing, and invalidation of gender identity. This study aimed to analyze, based on scientific literature, the relationships between family support, identity recognition, and psychological repercussions in the experiences of transgender women. This qualitative, descriptive-interpretive literature review was conducted through a bibliographic search in the SciELO, PePSIC, and Google Scholar

databases. The analysis addressed discussions concerning the body, gender, social recognition, family bonds, and support networks. The findings indicated that family acceptance may contribute to strengthening self-esteem, emotional security, and a sense of belonging, whereas experiences of rejection and disrespect may be associated with psychological distress and difficulties in interpersonal relationships. Emotional and community support networks were also identified as important resources for coping with discrimination and social exclusion. The study concluded that, although family relationships do not determine gender identity, they influence the emotional and social conditions under which this identity is experienced and recognized. These findings highlight the importance of family relationships and psychological practices grounded in acceptance, respect, and recognition of each individual's unique experiences.

Keywords: Transgender women; Family support; Gender identity.

INTRODUÇÃO

As discussões acerca de gênero, identidade e diversidade têm ocupado espaço cada vez mais amplo nas ciências humanas e da saúde, especialmente diante das transformações sociais que contribuíram para ampliar a visibilidade das pessoas transgênero na contemporaneidade. Entretanto, apesar dos avanços relacionados ao reconhecimento de direitos e à ampliação do debate público, mulheres transgênero ainda vivenciam diferentes formas de discriminação, exclusão e violência que passam por suas relações sociais e suas experiências pessoais. Essa realidade evidencia que a identidade de gênero não pode ser compreendida de maneira isolada, uma vez que sua vivência ocorre em uma sociedade que estabelece expectativas sobre os corpos, os comportamentos e as formas consideradas legítimas de existência (Bento, 2022).

Historicamente, as sociedades construíram padrões que associam características biológicas a determinadas maneiras de agir, sentir e expressar a masculinidade e a feminilidade. Essas concepções foram incorporadas às relações familiares, às instituições e às práticas sociais, contribuindo para a manutenção de expectativas rígidas acerca do gênero. Butler (2019) compreende que essas normas são continuamente reproduzidas nas relações sociais, estabelecendo parâmetros de reconhecimento que frequentemente colocam à margem aqueles que não correspondem aos modelos

tradicionalmente aceitos. Nesse contexto, as mulheres transgênero enfrentam desafios que ultrapassam a afirmação de sua identidade, envolvendo também a necessidade de reconhecimento, respeito e pertencimento nos diferentes espaços de convivência.

A construção da identidade constitui um processo atravessado pelas experiências individuais e pelas relações estabelecidas ao longo da vida. O reconhecimento de si enquanto mulher não depende da aprovação de outras pessoas, tampouco da realização de modificações corporais, pois a identidade de gênero corresponde à maneira como cada sujeito compreende e vivencia sua própria existência. Entretanto, a possibilidade de expressar essa identidade com liberdade e segurança encontra-se relacionada às condições sociais e afetivas presentes em sua trajetória. Nesse aspecto, Jesus (2014) contribui para compreender a pluralidade das experiências trans, enquanto Bento (2022) evidencia como os processos de reconhecimento e exclusão interferem nas possibilidades de vivência dessas identidades.

Entre os diferentes espaços de convivência, a família ocupa uma posição especialmente importante por representar, frequentemente, o primeiro ambiente no qual são estabelecidos vínculos afetivos, construídas referências de pertencimento e vivenciadas experiências de aceitação ou rejeição. É no cotidiano familiar que muitas pessoas encontram suas primeiras oportunidades de expressar sentimentos, desenvolver relações de confiança e compreender o lugar que ocupam nas relações com os outros. Bowlby (2002), ao discutir a importância dos vínculos afetivos, demonstra como as relações de cuidado e segurança participam do desenvolvimento emocional, influenciando a maneira como os sujeitos estabelecem relações consigo mesmos e com o mundo.

Para as mulheres transgênero, a família pode representar tanto um espaço de acolhimento quanto um ambiente marcado por conflitos relacionados às expectativas sociais de gênero. Em determinadas trajetórias, o reconhecimento da identidade feminina encontra apoio, respeito e disponibilidade para o diálogo, possibilitando que a mulher trans compartilhe suas experiências sem receio de perder os vínculos afetivos que considera

importantes. Em outras situações, a expressão dessa identidade pode ser acompanhada por silenciamento, rejeição, tentativas de adequação aos padrões familiares e dificuldades de convivência. Guedes (2023) discute a relevância das relações familiares nas experiências de pessoas trans, demonstrando que as respostas construídas nesse ambiente participam das condições de acolhimento e reconhecimento vivenciadas ao longo de suas trajetórias.

A importância do apoio familiar, portanto, não está relacionada à determinação da identidade de gênero, mas às condições emocionais e sociais em que essa identidade pode ser reconhecida e expressa. Quando a mulher transgênero encontra respeito por sua identidade, por seu nome e por suas escolhas, o ambiente familiar pode contribuir para o fortalecimento da confiança, da autoestima e do sentimento de pertencimento. O reconhecimento assume, assim, uma dimensão que ultrapassa a aceitação formal, pois envolve a possibilidade de ser percebida e respeitada nas relações cotidianas. Honneth (2020) compreende o reconhecimento como elemento fundamental das relações humanas, considerando sua importância para a construção da autoconfiança, do autorrespeito e da autoestima.

Por outro lado, a ausência de acolhimento familiar pode produzir experiências de sofrimento que não se restringem aos conflitos vivenciados dentro de casa. O receio de ser rejeitada, a necessidade de ocultar aspectos da própria identidade e a insegurança quanto à permanência dos vínculos afetivos podem acompanhar a mulher transgênero em diferentes momentos de sua trajetória. Essas experiências tornam-se ainda mais complexas quando associadas ao preconceito presente em outros espaços sociais, como a escola, o trabalho e os serviços de saúde. Nesse contexto, Fernandes et al. (2022) discutem as repercussões das experiências de violência e discriminação sobre a população trans, permitindo compreender que o sofrimento psicológico precisa ser analisado em relação às condições sociais e às situações de vulnerabilidade vivenciadas por esses sujeitos.

Essa compreensão exige reconhecer que a identidade transgênero não constitui, por si mesma, uma condição de sofrimento psicológico. As dificuldades

emocionais frequentemente associadas às vivências trans precisam ser consideradas a partir das experiências de exclusão, invalidação e violência que passam por suas relações sociais. Ao mesmo tempo, é necessário evitar a compreensão de que todas as mulheres transgênero vivenciam trajetórias semelhantes, pois as experiências familiares são diversas e podem envolver acolhimento, conflitos, afastamentos, reconstrução de vínculos e diferentes formas de apoio. As possibilidades de enfrentamento também se relacionam às condições sociais, aos recursos individuais e às redes afetivas construídas ao longo da vida (Bento, 2022; Custódio; Kahhale, 2025).

As relações familiares também não permanecem necessariamente iguais durante toda a trajetória da mulher transgênero. O reconhecimento de sua identidade pode provocar questionamentos e mudanças nas formas de convivência, especialmente quando os familiares precisam rever crenças e expectativas anteriormente estabelecidas. Nesse processo, o diálogo e a disponibilidade para compreender experiências diferentes das próprias podem favorecer a reconstrução dos vínculos. Entretanto, quando essas possibilidades não se concretizam, outras relações afetivas e comunitárias podem assumir importância para a construção de espaços de pertencimento. Dessa maneira, o apoio familiar precisa ser compreendido em articulação com as demais redes sociais que participam da vida das mulheres transgênero (Guedes, 2023; Gandra et al., 2023).

A análise dessas experiências também permite ampliar a compreensão acerca do papel da Psicologia diante das questões relacionadas à identidade de gênero e às relações familiares. Considerar a mulher transgênero em sua integralidade significa reconhecer que suas experiências não se limitam à identidade feminina, mas envolvem vínculos afetivos, histórias pessoais, condições sociais, expectativas, dificuldades e possibilidades de construção de uma vida reconhecida e respeitada. A atenção às repercussões psicológicas das relações familiares torna-se importante justamente porque permite compreender como o acolhimento e a rejeição podem participar das experiências de

segurança emocional, pertencimento e sofrimento, sem reduzir a subjetividade dessas mulheres às situações de discriminação que enfrentam.

Diante desse contexto, torna-se necessário aprofundar a discussão sobre a importância das relações familiares nas vivências identitárias de mulheres transgênero, considerando que o reconhecimento e o pertencimento constituem dimensões importantes da experiência humana. Embora a literatura apresente contribuições relacionadas à identidade de gênero, à discriminação e à saúde mental da população trans, a articulação entre essas questões e as experiências de acolhimento ou rejeição familiar permite compreender de maneira mais abrangente as repercussões psicológicas que podem acompanhar essas trajetórias.

Assim, o presente estudo tem como objetivo analisar, a partir da literatura científica, as relações entre apoio familiar, reconhecimento identitário e repercussões psicológicas nas vivências de mulheres transgênero. Busca-se compreender como as experiências familiares de acolhimento, respeito, rejeição ou invalidação se relacionam com os sentimentos de segurança emocional e pertencimento, considerando também os aspectos sociais e subjetivos envolvidos na expressão da identidade feminina. A discussão pretende contribuir para uma compreensão mais sensível das experiências de mulheres transgênero, reconhecendo a importância dos vínculos afetivos e das redes de apoio na construção de relações que respeitem a diversidade e a singularidade de cada trajetória.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter descritivo-interpretativo, desenvolvida com o objetivo de analisar as relações entre apoio familiar, reconhecimento identitário e repercussões psicológicas nas vivências de mulheres transgênero. A escolha desse delineamento fundamentou-se na necessidade de compreender a temática a partir das contribuições científicas existentes, considerando as

diferentes perspectivas teóricas sobre identidade de gênero, vínculos familiares, pertencimento e saúde mental. A abordagem qualitativa possibilitou examinar os significados e as relações presentes nas produções consultadas, buscando compreender o fenômeno em suas dimensões subjetivas, sociais e afetivas (Minayo, 2022).

O levantamento bibliográfico foi realizado nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC) e Google Acadêmico, considerando sua abrangência na divulgação de pesquisas relacionadas à Psicologia, às Ciências Humanas e à Saúde. Para a localização das publicações, foram utilizados os descritores “mulher transgênero”, “identidade de gênero”, “identidade transgênero” e “apoio familiar”, isoladamente e em diferentes combinações, mediante a utilização dos operadores booleanos AND e OR. As buscas contemplaram produções em língua portuguesa e inglesa, com prioridade para estudos que abordassem diretamente as experiências de mulheres transgênero e suas relações com o contexto familiar.

A seleção das publicações considerou a aproximação temática com o objetivo da pesquisa, sendo priorizados estudos que discutissem a construção e a expressão da identidade de gênero, as experiências de acolhimento e rejeição familiar, os vínculos afetivos e as repercussões psicológicas relacionadas ao reconhecimento social. Também foram utilizadas obras teóricas de referência nas discussões sobre gênero, subjetividade e relações familiares, de modo a ampliar a compreensão dos aspectos históricos, culturais e psicológicos envolvidos na temática. Foram desconsideradas produções que não apresentavam relação com o objeto investigado ou que abordavam a identidade de gênero sem contribuir para a discussão proposta.

Após o levantamento, as publicações foram examinadas por meio da leitura de títulos, resumos e textos completos, buscando identificar as contribuições mais pertinentes à compreensão do problema investigado. A organização do conteúdo considerou as aproximações e diferenças entre os autores, permitindo relacionar as discussões sobre identidade de gênero às

experiências familiares e às condições de reconhecimento e pertencimento vivenciadas por mulheres transgênero. Esse procedimento possibilitou ultrapassar a apresentação isolada dos estudos, favorecendo uma análise articulada das contribuições encontradas na literatura.

A análise foi desenvolvida a partir de três eixos temáticos: corpo, gênero e reconhecimento social; relações familiares, acolhimento e repercussões psicológicas; e vivências identitárias, estratégias de enfrentamento e redes de apoio. O primeiro eixo contemplou as construções sociais relacionadas ao corpo e ao gênero, considerando suas implicações para o reconhecimento das identidades transgênero. O segundo concentrou-se nas experiências familiares de apoio, rejeição e validação identitária, buscando compreender suas possíveis repercussões sobre a autoestima, a segurança emocional e o pertencimento. O terceiro reuniu discussões sobre trajetórias pessoais, enfrentamento da discriminação e importância das relações afetivas e comunitárias na vivência da identidade feminina.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura permitiu compreender que a vivência identitária de mulheres transgênero não pode ser considerada apenas a partir das características biológicas do corpo, uma vez que envolve experiências subjetivas, relações sociais e significados culturalmente atribuídos ao gênero. Historicamente, as sociedades estabeleceram padrões de masculinidade e feminilidade que passaram a orientar comportamentos, expressões corporais e formas de reconhecimento. Essas expectativas, frequentemente reproduzidas no ambiente familiar e nas demais instituições sociais, influenciam a maneira como diferentes identidades são percebidas e acolhidas. Butler (2019) contribui para essa discussão ao compreender o gênero como uma construção continuamente produzida nas práticas sociais, demonstrando que as normas

relacionadas ao masculino e ao feminino não constituem características naturais e imutáveis.

A partir dessa perspectiva, percebe-se que as dificuldades enfrentadas por mulheres transgênero não estão relacionadas à legitimidade de sua identidade, mas às condições sociais que frequentemente exigem correspondência entre o gênero atribuído ao nascimento e a maneira como cada pessoa se reconhece. Bento (2022) discute os processos históricos de patologização e exclusão das identidades trans, evidenciando que o reconhecimento social ainda se encontra associado a expectativas normativas sobre o corpo. Essa compreensão permite observar que a experiência da mulher transgênero envolve não apenas a possibilidade de reconhecer-se enquanto mulher, mas também o enfrentamento de situações nas quais sua identidade é questionada, desconsiderada ou condicionada à adequação de sua aparência física.

O corpo, portanto, participa da experiência identitária sem constituir seu único elemento de definição. Le Breton (2012) compreende a corporalidade como dimensão por meio da qual os sujeitos estabelecem relações com o mundo e expressam suas experiências. Nas vivências transgênero, essa dimensão pode assumir diferentes significados, envolvendo reconhecimento, expressão pessoal, pertencimento e autonomia. Entretanto, é necessário considerar que nem todas as mulheres transgênero desejam realizar modificações corporais, assim como essas modificações não representam condição necessária para o reconhecimento de sua identidade. Jesus (2014) contribui para essa compreensão ao destacar a diversidade das experiências trans e a importância de respeitar as diferentes maneiras de vivenciar e expressar o gênero.

As discussões também demonstram que o reconhecimento não se limita à percepção individual, pois envolve as relações estabelecidas com outras pessoas. Honneth (2020) compreende que as experiências de reconhecimento participam da construção da autoconfiança, do autorrespeito e da autoestima, permitindo compreender por que a validação da identidade possui importância nas relações afetivas e sociais. Para a mulher transgênero, ser reconhecida pelo

nome, pelo gênero e pela maneira como se apresenta ao mundo representa uma forma de respeito à sua existência. Quando esse reconhecimento é negado, podem surgir experiências de desvalorização e sofrimento que ultrapassam situações isoladas de preconceito, interferindo também na percepção de pertencimento aos espaços sociais.

Dessa forma, a literatura indica que a construção da identidade e sua expressão social precisam ser compreendidas como dimensões relacionadas, mas distintas. A identidade de gênero não depende da aceitação familiar ou social para existir, embora as experiências de acolhimento e rejeição possam interferir nas condições emocionais em que ela é vivenciada. Essa distinção torna-se importante para compreender o papel das relações familiares sem atribuir à família a responsabilidade pela determinação da identidade da mulher transgênero.

As relações familiares apareceram na literatura como uma dimensão importante para compreender as experiências emocionais e sociais de mulheres transgênero. A família constitui um dos primeiros ambientes de convivência, no qual são estabelecidos vínculos afetivos e construídas referências relacionadas ao cuidado, à segurança e ao pertencimento. Entretanto, essas relações não se desenvolvem de maneira uniforme, pois cada família apresenta características próprias, influenciadas por sua história, valores, crenças e condições sociais. Grossi (2003) contribui para compreender essa diversidade ao discutir as diferentes configurações familiares e demonstrar que os vínculos de pertencimento ultrapassam os modelos tradicionais de organização familiar.

A importância desses vínculos também pode ser compreendida a partir de Bowlby (2002), que destaca a participação das relações afetivas na construção da segurança emocional. Embora sua teoria não tenha sido desenvolvida especificamente para explicar as vivências transgênero, suas contribuições permitem refletir sobre a importância de ambientes nos quais os sujeitos encontrem disponibilidade afetiva, proteção e confiança. No contexto das mulheres transgênero, essas condições podem favorecer a expressão de

sentimentos, o compartilhamento de experiências e a possibilidade de vivenciar a própria identidade sem o receio constante de perder os vínculos familiares.

Guedes (2023) discute a importância do contexto familiar nas trajetórias de pessoas trans, permitindo compreender que as respostas de acolhimento ou rejeição podem acompanhar diferentes momentos da experiência identitária. Quando a família demonstra respeito e disponibilidade para compreender a identidade da mulher transgênero, cria-se a possibilidade de fortalecer relações de confiança e pertencimento. Esse apoio não significa ausência de dúvidas ou dificuldades, mas disposição para reconhecer a pessoa em sua singularidade, sem condicionar o afeto à correspondência com expectativas anteriormente estabelecidas.

Nesse contexto, o acolhimento familiar pode assumir diferentes manifestações, como o respeito ao nome escolhido, o reconhecimento da identidade feminina, a escuta das experiências pessoais e a manutenção dos vínculos afetivos. Gandra et al. (2023) destacam a relevância do apoio psicossocial nas vivências de pessoas trans, permitindo compreender que o suporte recebido nas relações próximas pode constituir um recurso importante diante das situações de discriminação enfrentadas em outros espaços sociais. Assim, a família pode representar uma rede de proteção emocional, especialmente quando a mulher transgênero encontra dificuldades de reconhecimento na escola, no trabalho ou nas demais relações de convivência.

Por outro lado, a literatura também permite identificar que as experiências familiares podem ser marcadas por conflitos, rejeição e invalidação identitária. Em determinadas situações, a mulher transgênero pode sentir necessidade de ocultar sentimentos, comportamentos ou aspectos de sua identidade para evitar confrontos, afastamentos e possíveis rupturas familiares. Essas experiências podem produzir insegurança emocional e sofrimento, especialmente quando a permanência dos vínculos afetivos parece depender da negação de sua própria identidade. Winnicott (2023), ao discutir a importância de um ambiente suficientemente acolhedor para o desenvolvimento emocional, oferece

contribuições para compreender como as relações de cuidado participam da possibilidade de expressão autêntica do sujeito.

A ausência de reconhecimento familiar também precisa ser analisada em relação às demais experiências sociais vivenciadas por mulheres transgênero. Fernandes et al. (2022) discutem as repercussões da violência e da discriminação sobre a população trans, demonstrando a importância de considerar as condições sociais envolvidas no sofrimento psicológico. Quando a rejeição ocorre dentro da família, a mulher transgênero pode encontrar dificuldades adicionais para enfrentar situações de preconceito presentes fora desse ambiente, especialmente quando não dispõe de outras relações de apoio. Entretanto, essas repercussões não devem ser compreendidas como consequências inevitáveis, pois cada trajetória envolve diferentes recursos emocionais, condições de vida e possibilidades de enfrentamento.

Outro aspecto importante refere-se à possibilidade de transformação das relações familiares ao longo do tempo. As reações iniciais diante da expressão da identidade transgênero não representam necessariamente a maneira como os vínculos permanecerão organizados. O acesso à informação, a convivência e a abertura para o diálogo podem contribuir para que familiares revejam expectativas e construam novas formas de reconhecimento. Dessa maneira, compreender o apoio familiar exige considerar não apenas a presença ou ausência de aceitação, mas também os processos de aproximação, afastamento e reconstrução afetiva que podem ocorrer durante a trajetória da mulher transgênero.

As produções analisadas também demonstraram que as vivências identitárias de mulheres transgênero são diversas e não seguem necessariamente uma trajetória única de reconhecimento e expressão do gênero. Algumas mulheres identificam e expressam sua identidade desde a infância, enquanto outras encontram possibilidades de reconhecimento em diferentes momentos da vida. Essas experiências fazem parte de condições familiares, sociais e culturais, bem como pelas oportunidades de estabelecer relações nas quais possam existir de maneira respeitada. Nascimento (2021)

contribui para essa discussão ao problematizar concepções fixas sobre gênero e feminilidade, permitindo compreender que as experiências trans não podem ser reduzidas a um único modelo de existência.

Nesse processo, as vivências pessoais assumem importância porque cada mulher constrói maneiras próprias de compreender e expressar sua identidade diante das relações estabelecidas ao longo da vida. As experiências de reconhecimento, os conflitos familiares, as relações afetivas e os espaços de convivência participam da maneira como cada trajetória é elaborada subjetivamente. Chaves (2022), ao discutir narrativas autobiográficas trans, evidencia a importância de reconhecer essas mulheres como sujeitos de suas próprias histórias, valorizando suas experiências e a possibilidade de produzir sentidos sobre a própria existência.

A literatura também permite compreender que as estratégias de enfrentamento desenvolvidas por mulheres transgênero não se restringem às respostas individuais diante do preconceito. A construção de vínculos afetivos, a participação em espaços coletivos e a aproximação com pessoas que compartilham experiências semelhantes podem contribuir para ampliar as possibilidades de reconhecimento e pertencimento. Custódio e Kahhale (2025) discutem estratégias de enfrentamento da exclusão social entre pessoas LGBTQIA+, destacando a importância das relações coletivas e da construção de sentidos diante das experiências de discriminação. Essas contribuições demonstram que o enfrentamento das dificuldades não depende exclusivamente de recursos individuais, mas também das condições sociais e relacionais disponíveis.

As redes de apoio tornam-se especialmente importantes quando o ambiente familiar não oferece acolhimento ou quando os vínculos existentes são atravessados por conflitos persistentes. Amigos, parceiros afetivos, grupos comunitários e espaços de convivência podem constituir relações nas quais a mulher transgênero encontre reconhecimento e segurança emocional. Entretanto, a existência dessas redes não elimina as repercussões que podem decorrer da rejeição familiar, assim como o acolhimento da família não impede

que situações de discriminação sejam vivenciadas em outros ambientes. Dessa maneira, as diferentes formas de apoio precisam ser compreendidas como dimensões complementares da proteção emocional e social.

Outro elemento identificado refere-se à importância da expressão da identidade nas relações cotidianas. Dornelas, Ribeiro e Behlau (2023) discutem a identidade comunicativa de pessoas trans, travestis e não binárias, evidenciando que a comunicação participa dos processos de reconhecimento social. A voz, a linguagem, o nome e as formas de expressão corporal podem assumir significados importantes na maneira como cada mulher se apresenta e é reconhecida. Quando essas manifestações são respeitadas, ampliam-se as possibilidades de interação e pertencimento. Em contrapartida, situações de desrespeito podem produzir constrangimento e insegurança, especialmente quando ocorrem em ambientes nos quais se espera acolhimento.

As contribuições de Vieira, Goldberg e Bermúdez (2025) também permitem compreender que as dificuldades enfrentadas por pessoas transgênero não se restringem às relações interpessoais, pois envolvem estruturas institucionais e sociais que ainda reproduzem padrões cisnormativos. Essa realidade demonstra que a promoção do bem-estar psicológico não pode depender exclusivamente do fortalecimento individual ou da aceitação familiar, sendo igualmente necessário considerar as condições de acesso à saúde, à educação, ao trabalho e aos demais espaços de participação social.

A articulação das discussões permite compreender que o apoio familiar representa uma dimensão importante nas vivências identitárias de mulheres transgênero, especialmente por sua relação com o reconhecimento, a segurança emocional e o pertencimento. Entretanto, sua importância não deve ser interpretada como determinação da identidade ou como garantia de ausência de sofrimento psicológico. As experiências familiares participam de um conjunto mais amplo de relações que podem oferecer acolhimento ou produzir dificuldades, dependendo das condições em que são estabelecidas.

Assim, os resultados da revisão apontam para a necessidade de compreender a mulher transgênero para além das situações de preconceito e

vulnerabilidade, reconhecendo também suas possibilidades de autonomia, construção de vínculos e fortalecimento subjetivo. No campo da Psicologia, essa compreensão contribui para práticas de escuta e acolhimento que considerem a singularidade das trajetórias, as repercussões das relações familiares e a importância das redes de apoio, sem reduzir a identidade de gênero a uma condição de sofrimento. A literatura consultada reforça, portanto, que o reconhecimento e o respeito às diferentes formas de existência constituem elementos importantes para a construção de relações familiares e sociais mais acolhedoras.

CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo analisar, a partir da literatura científica, as relações entre apoio familiar, reconhecimento identitário e repercussões psicológicas nas vivências de mulheres transgênero. A análise realizada permitiu compreender que as relações familiares ocupam um lugar importante nessas experiências, especialmente por constituírem um dos primeiros espaços de convivência, construção de vínculos afetivos e desenvolvimento do sentimento de pertencimento. Entretanto, também foi possível perceber que a influência desse ambiente não ocorre de maneira uniforme, pois cada mulher vivencia sua identidade a partir de uma trajetória particular que possui diferentes condições sociais, culturais e emocionais.

As discussões evidenciaram que o apoio familiar pode contribuir para o fortalecimento da autoestima, da segurança emocional e da confiança nas relações interpessoais. O acolhimento, a escuta e o reconhecimento da identidade feminina representam formas de respeito que permitem à mulher transgênero vivenciar suas experiências com maior liberdade e segurança. Por outro lado, situações de rejeição, silenciamento e invalidação podem produzir sofrimento psicológico, especialmente quando a manutenção dos vínculos afetivos parece depender da ocultação ou da negação de aspectos importantes de sua identidade.

Compreendeu-se, ainda, que a família não determina a identidade de gênero, mas participa das condições em que essa identidade é expressa e reconhecida. Essa distinção torna-se fundamental para evitar interpretações que atribuam às relações familiares a responsabilidade pela constituição da identidade transgênero. O que se observa é que as experiências de acolhimento ou rejeição podem repercutir na maneira como essas mulheres estabelecem relações, enfrentam situações de preconceito e constroem sentimentos de pertencimento ao longo de suas trajetórias.

Outro aspecto identificado refere-se à importância das redes de apoio que ultrapassam o ambiente familiar. As relações de amizade, os vínculos afetivos e os espaços comunitários podem representar possibilidades de reconhecimento e proteção emocional, especialmente quando a família não oferece o acolhimento esperado. Entretanto, essas relações não eliminam a necessidade de enfrentar as diferentes formas de discriminação presentes na sociedade, demonstrando que o bem-estar psicológico das mulheres transgênero também depende de condições sociais e institucionais que assegurem respeito, dignidade e acesso aos direitos.

Por se tratar de uma revisão bibliográfica, o estudo apresenta limitações relacionadas à ausência de investigação direta das experiências de mulheres transgênero e de seus familiares. Dessa maneira, as interpretações desenvolvidas correspondem às contribuições da literatura consultada, não sendo possível generalizar as repercussões psicológicas identificadas para todas as trajetórias. Considera-se importante que futuras pesquisas aprofundem essas questões a partir das narrativas das próprias mulheres transgênero, contemplando diferentes experiências familiares, contextos sociais e formas de construção de vínculos.

Conclui-se que a importância do apoio familiar está relacionada, sobretudo, à possibilidade de oferecer um ambiente no qual a mulher transgênero seja reconhecida e respeitada em sua identidade, sem que o afeto esteja condicionado ao atendimento de expectativas sociais de gênero. Para a Psicologia, essa compreensão reforça a necessidade de práticas de acolhimento

que considerem não apenas as experiências individuais, mas também as relações afetivas e as condições sociais. Reconhecer a singularidade de cada trajetória significa compreender que o pertencimento não deveria exigir a renúncia à própria identidade, mas encontrar nas relações humanas a possibilidade de existir com respeito, segurança e dignidade.

REFERÊNCIAS

BENTO, B. **A reinvenção do corpo:** sexualidade e gênero na experiência transexual. 3. ed. Salvador: Devires, 2022.

BOWLBY, J. **Uma base segura:** aplicações clínicas da teoria do apego. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CHAVES, L. **Autobiografias trans no Brasil:** narrativas de resistência e construção identitária. 2022. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/41373/3/2021_LeocadiaAparecidaChaves.pdf. Acesso em: 15 abr. 2026.

CUSTÓDIO, L.; KAHHALE, E. P. Sentidos e estratégias de enfrentamento à exclusão entre indivíduos LGBTI+: uma análise sócio-histórica da linguagem e da resistência. **Revista Anômalas**, v. 5, n. 2, p. 83-99, 2025. Disponível em: https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/ra/article/view/75051. Acesso em: 14 abr. 2026.

DORNELAS, R.; RIBEIRO, V. V.; BEHLAU, M**. Identidade comunicativa: pessoas trans, travestis e não binárias.** Rio de Janeiro: Thieme Revinter, 2023.

FERNANDES, H. et al. Violência interpessoal contra homossexuais, bissexuais e transgêneros. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 35, eAPE01486, 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ape/a/fr6B56LLRkFSNKxX3HNL6hH/?lang=pt. Acesso em: 28 abr. 2026.

GANDRA, L. S. et al. Avaliação da importância da rede de apoio psicossocial oferecida pela família e comunidade às pessoas transgêneras durante todo ciclo de vida: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria,** v. 27, n. 1, 2023. Disponível em: https://revneuropsiq.com.br/rbnp/article/view/1000. Acesso em: 17 abr. 2026.

GROSSI, M. P. Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil. **Cadernos Pagu,** n. 21, p. 261-280, 2003. Disponível em: https://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/files/2012/03/Visualizar5.pdf. Acesso em: 18 abr. 2026.

GUEDES, R. S. F. **"Escolheu apoiar-me": ** adaptação familiar ao coming out na comunidade trans. 2023. Disponível em: https://repositorio.ulisboa.pt/entities/publication/870f1d66-fddc-477a-a4bd-346c89753bc9.

HONNETH, A. **Reificação:** um estudo de teoria do reconhecimento. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

JESUS, J. G. de. **Transfeminismo**: teorias e práticas. Rio de Janeiro: Metanoia, 2014.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo.** 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2022.

NASCIMENTO, L. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

VIEIRA, V. F.; GOLDBERG, A.; BERMÚDEZ, X. P. C. D. Transexualidade e assistência à saúde no Brasil: uma discussão teórico-conceitual sobre a influência do binarismo de gênero. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 30, e08942023, 2025. Disponível em: https://www.scielosp.org/article/csc/2025.v30n4/e08942023/. Acesso em: 12 abr. 2026.

WINNICOTT, D. W. **Família e desenvolvimento individual.** São Paulo: Ubu Editora, 2023.